

DUARTE, Lélia Parreira. **Exercícios de viver em palavra e cor**. Belo Horizonte: Veredas & Cenários, 2009, 70 p.

“Por virtude do muito imaginar”

Maria Lúcia Lepecki
Universidade de Lisboa

One must be an inventor to read well.

R. W. Emerson

Para se ler bem é necessário ser inventor, propõe Emerson. E para compreender as implicações desta proposta é preciso remontar ao primeiro sentido do verbo latino *inventio*: descobrir, encontrar – resultado do movimento de “caminhar para dentro de”. Pergunte-se, então, o óbvio: para dentro de quê se caminha quando se está a ler bem? Para dentro do texto. eis a primeira resposta que ocorre. Primeira, mais natural e, todavia, incompleta: para ler bem caminha-se tanto para dentro do texto como para dentro do leitor. Descobrimos, desvelamos, encontramos a nossa alteridade feita palavra – no caso do livro de Lélia feito palavra, forma e cor. Ler bem é, então, *inventar* duas realidades distintas e complementares. Por distintas e complementares são também, em última instância, susceptíveis de se fundirem. Lemos bem, proporia eu então a Emerson (se tal fosse possível), quando nos transformamos na coisa lida. Esse passe de mágica é a verdadeira origem daquilo a que chamamos, com propriedade e justiça, o ato de ler.

Exercícios de viver em palavra e cor, de Lélia Parreira Duarte, foi oportunidade de me (re)inventar enquanto inventava um livro. O processo me surpreendeu pois pedia uma espécie de reconstituição histórica prévia à construção crítica – aquele tempo em que eu, boa leitora, inventaria por escrito o livro de Lélia. Precisei de labor reconstitutivo porque as palavras do título me suscitavam curiosidade genealógica: quem são estas que aqui vejo, apontando-me o caminho da leitura? De onde proveem, quem foram em tempos idos e quem são agora? Que sombras possíveis de sentido, que polifonias semânticas porventura se escondem em termos tão corriqueiros como “exercícios”, “viver”, “palavra” e “cor”? Reconstituição histórica, precisa-se, sussurrou o inventor dentro de mim. Trabalho de arqueólogo, urgente, insistiu ele. Eu, como de hábito, obedeci. E mais uma vez mergulhei em antigamentes de linguas, com o sempre disponível e não menos precioso apoio do

Dictionnaire des Racines des Langues Européennes, de R. Grandsaignes d'Hauterive .

Ali se aprende que “exercício” remonta à raiz europeia – *ark*, com a ideia de “conter”. Percebe-se facilmente, então, de onde provem, no latim, as palavras *arca* e *arcanus*, cujas descendentes em português sobejamente conhecemos. À mesma raiz deve o latim *exercitus* e *exercitium*, vozes que, também com pouca corrupção, arribaram ao nosso vernáculo. A informação etimológica forneceu-me o que acreditei ser uma primeira alavanca susceptível de ajudar a mover o mundo da poesia de Lélia, desde que encontrasse/inventasse pontos de apoio com solidez pelo menos satisfatória. (Primeira alavanca, disse eu, e devo acrescentar: e única para este artigo).

O meu ponto de apoio tomou a forma de uma pergunta concernente ao que em retórica se denomina “matéria”. Eu queria saber que conteúdos – se secretos ou não logo se veria – guarda a *arca* que, em forma de livro, Lélia nos oferece. Serão muitos, sem dúvida, e tanto mais numerosos quantas mais leituras fizer eu do livro – questão que, por hoje, se deixa cair, para anotar que, dentre os muitos um sobreleva: a memória, *topos* privilegiado da literatura e, não menos, da pintura – embora a esta última nem sempre associemos a um exercício de lembrança.

Em **Exercícios de viver em palavra e cor** a memória toma forma em duas diferentes manifestações artísticas: uma ritmica, temporal, a outra plástica, espacial. Uma e outra se deixam marcar, na produção de Lélia, por uma agudíssima noção da temporalidade e por não menos importante carga de pessoalidade. Alguém, de coração nas mãos, nos bate à porta quando abrimos **Exercícios de viver em palavra e cor**. E quando fecharmos o livro teremos acolhido para sempre o hóspede que os deuses nos mandaram.

*

Nos poemas e nos quadros Lélia revisita passado e passados, a um e a outros trazendo para a atualidade do seu gesto criador. Estamos perante uma límpida estratégia de *inscrição*, para evocar o conceito proposto e trabalhado por José Gil, no seu **Portugal, Hoje– O Medo de Existir**. Quem se *inscreve* faz História, quem se inscreve muda o mundo, quem se inscreve grita a necessidade do novo sem abandono daquilo que, da tradição, se deve manter. Os dois gritos convivem na poesia e na pintura de Lélia: do passado para o futuro, no gesto presente da mão, recuperamos e reinscrevemos, por exemplo, os impressionistas no tratamento de cores, formas e

composição no que concerne à pintura. No campo da poesia Lélia recupera a fluidez dos ritmos, na musicalidade dos versos, uma e outra tão evocadoras de Camilo Pessanha:

Enigmas

Figuras de outros tempos
volúveis pensamentos
danças
sem movimentos.
Enigmas que elaboram
o nada.

Mais revisitações de tradições e momentos poéticos nos trarão Drummond, Bilac, Pessoa, em convivência íntima, espelhada¹ (páginas pares, poemas, páginas ímpares, pintura) com alguns dos grandes da pintura ocidental: de Monet a Renoir, passando por Van Gogh e Kandinsky, sem esquecer Mestre Guignard (ou estarei inventando?), tudo o que cai na memória de Lélia é peixe, matéria prima para ser transformada (outro jeito, meu caro Emerson, de inventar) no cadinho de uma sensibilidade invulgar.

Conhedora como poucos da tradição poética e pictórica ocidental, capaz de, revisitando-a, respeitá-la, dela simultaneamente fazendo *outra*, Lélia não se contenta, vê-se, com o ser guardadora de alheio gado. Ao seu mundo privado, ao seu percurso de vida como pessoa de verdade vai ela buscar também matéria poética. E num conjunto de textos eivados de levíssima melancolia (outro modo de representar o tempo) pode o leitor descortinar (ou inventar?) confidências circunscritas, parece, a dois ou três tópicos fundamentais: a luta pela expressão e a ânsia de agir /inscrever (p 19); a fragilidade do ser (p.20); a beleza e a harmonia do mundo natural e cultural (“Pains”, p. 54; “Dúvida”, p.56) e, finalmente, o olhar, tema que acaba por ser o alfa e o omega do belo livro que a autora chamou **Exercícios de Viver em Palavra e Cor** e para o qual eu, leitora, posso inventar um outro título: **Exercícios de Ler em Emocionada Ternura**.

¹ O espelhamento arte plástica-arte rítmica não é a única manifestação da ironia no livro de Lélia. Deixo ao cuidado do leitor encontrar outras, frequentes e variadas, formulações irónicas.